Castanheira-de-Pêra — 20 de Setembro de 1947

O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista — Por Castanheira-de-Pêra e Região

ANO XI | *Redacção, Administração e Oficinas:* Castanheira-de-Pêra — *Telefone 16* | Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho | PROPRIEDADE DAS Of. Gráf. da Ribeira de Pêra, L.da | N.º 36

Família de cá... Família de là...

Os burgos de reduzida população vivem quase em família, e, como entre famílias, sucedem as horas calmas, alegres, tristonhas; os instantes de desacôrdo, da censura, e aqueles outros... de «tempestade num copo de água»...

A maioria das pequenas povoações divide se em grupos de política malevolente, delirando de satisfação quando vê prejudicados os planos do vizinho.

Apertam-se as mãos em cumprimentos *amistosos* e desferem-se palmadinhas nas costas, a modo de sinceridade, mas quando êste ou aquêle faz a vénia de «até logo», cresce no interior de cada a repugnância, o ódiosinho disfarçado em simples antipatia...

Os homens afivelam a máscara, bem vincada, de bondade, de dedicação, de lealdade... Salamalequeiam frente a frente, fazendo-se acreditar amigos devotados do engrandecimento comum — quando isolados, limpos da maquilhagem, urdem as mais inacreditáveis causas, que possam desorganizar a obra do bem intencionado.

O crítico assenta arraiais em todo o lado e, entre o espiralar do fumo de cigarro, tomando pose de sensato, de inteligente, inicia a sua acção de detractor, muito aplaudida por assembleia de energúmenos.

O panorâma é sempre igual — com as mesmas paisagens, os mesmos costumes... Nem o Tempo — o «grande mestre da vida» — consegue modificar tão deploráveis aspectos!

Os valores. As mentalidades. Os homens de Trabalho andam desagregados, não olham — «com olhos de vêr» — a Terra-Mãe que se detinha num leito com encrustações de jóias raras, coberto de brocados!

A família de cá anda perdida por invios caminhos, não atinando com o seguro, que a leve ao encontro do Entendimento, da Razão e da Verdade!

Esforce-se pelo soar da almejada hora da Consciência ao alto..

Alonguemos o pensamento a paragens de extra-muros, fazendo-o pairar sôbre terras de além fronteiras, indo ao encontro da família de lá...

Moureja-se numa luta sem tréguas. Os corações palpitam no mesmo ritmo, as almas abraçam-se e o querer é igual — nitidamente expresso nas pupilas saudosas do berço distante.

Se há migalha, dêsse pouco partilhará o torrão querido; se há fartura, do muito, a aldeia solitária, entre a serra escarpada, virá a ter benesses. Isto é um sôpro forte de Amor, que faz de cada homem um herói!

Nas horas vagas impõe-se à curiosidade do compatriota ou do estrangeiro, a formosura dos cantinhos adoráveis que por aqui ficaram. Exalta se, com veemente orgulho, os nomes em destaque na ciência, nas letras, na indústria, no comércio. Fala-se com frenesi, apresentando a Região com todas as suas excelsas virtudes — núa da perseguição infamante dos despeitados, com rumo ao prestígio gerado nas sarjetas...

E a família de lá, dignificando o burgo e honrando a Pátria, vai encarando com profunda lástima as diatribes da sua conterrânea, que é rica de tudo — menos de união e de senso para valorizar o mérito, o esfôrço.

E' uma falange admirável de tenacidade e de afeição, êsse grande conjunto de filhos desta fecunda Beira Litoral, que extra-muros e além fronteiras, dá o exemplo máximo de Cidadãos que acima de tudo — de tudo, mesmo — colocam o engrandecimento e o progresso da Terra Natal.

E' longe, muito longe do ninho, que se aprende a conferir o merecido valor dos Homens e das Sociedades. Sim! Só longe! Porque... de perto são todos do mesmo tamanho!

. . . . . .

Família de cá!... Família de lá!...

A primeira, purificando-se... seguindo a alma da segunda — mostrará a Portugal, ao Mundo: Progresso, Civilização e Oiro!

As nossas Crónicas

Por Aníbal Anjos

A QUEDA DE MOLIÈRE

NA realidade, Molière caíu ao escrever a sua obra prima «O Tart — que foi afinal a sua glória — quando por tal facto o clero o denou, ao vêr nisso um ataque à Igreja e à Religião.

E' costume dizer-se entre nós para simbolizar a língua fran — a língua de Molière!

Exprimindo-nos simbólicamente também, foi êsse Molière qu mundo inteiro no geral, e em especial entre nós, também caíu em 1940 a queda da França.

Invadida pelas hordas germânicas, completamente isolada do mu inteiro da França e consequentemente a sua língua até então o «agent ligação» — se o leitor me permite que dêste modo me exprima — entre os povos, viu-se a breve trecho relegada a um segundo plano pela acção dominante dos povos anglo-saxónicos — a Inglaterra e a América — nos destinos do Mundo e da Humanidade!

A partir dêsse momento, a língua francesa deixou de ser o idioma internacional por excelência — mesmo nos povos latinos — para ceder o lugar à língua inglesa que até então constituira uma espécie de «sombra negra» para tôda a gente, especialmente para nós latinos, apensos por um comodismo e uma preferência doentias a uma língua infinitamente também mais difícil pelos seus «ricocófes» gramaticais, que a língua inglesa, a-pezar-da sua aspereza relativa de pronúncia, mas infinitamente também mais sintética pela sua contestura, o que a torna mais fácil do que a língua... de Molière!

Inibida de se expandir além fronteiras durante a guerra que acabou através da sua literatura, a França viu a sua língua relegada a um plano secundário. A meio da guerra, como me sucedeu estar em contacto durante largo tempo com o meio livreiro, tive ocasião de verificar que a língua inglesa começava a sobrepor me à língua latina mencionada. A produção do livro francês reduzida a algumas edições feitas na América ou na Suiça, vi então procurarem-se e venderem-se livros ingleses em quantidade nunca vista, num país latino como o nosso, que fôra até então o melhor mercado para o livro francês, no mundo inteiro. Até essa data, saber-se inglês em Portugal, era coisa relativamente rara.

Devemos confessar que, para a expansão da língua inglesa em Portugal, em muito contribuiu o Instituto Britânico em Portugal, que, com os seus métodos de ensino racionais e facílimos, revolveu montanhas e tirou o mêdo da pronúncia inglesa, que se tinha apossado de muitos portugueses.

Quando há poucos anos, após ter terminado os meus estudos procurei um professor da nacionalidade com quem aperfeiçoasse os meus conhecimentos adquiridos no Instituto Britânico, constatei com surprêsa a existência de uma certa dificuldade em consegui-lo. A maior parte dos professores da nacionalidade tinham

(Segue na 6.a página)

Entraves...

Conforme notícia dada na de oportunidade, chegou há dias a Lisb por via aérea, a menina Maria Bebi Ceppas, gentilíssima filha do no ilustre conterrâneo ex mo sr. Fran Ceppas, importante comerciante Brasil, que veio propositadamente Nação irmã paraninfar o baptis da nètinha de seu tio sr. Manuel A Ceppas, conceituado industrial de nitícios no nosso meio, e bem as para assistir ao lançamento da meira pedra dos alicerces do H de Turismo, a construir, a exper de seu pai, num dos pontos desta V cujo rendimento reverterá a favor Casa da Criança Rainha D. Leo

Tão significativa cerimónia alcançou a realidade, pelo motivo não estar resolvida a cedência de pa do respectivo terreno!

Para longe .. intrometermo-nos vida alheia. Mas quando se trata legítimos interêsses de Castanheira--Pêra e sua Região, não devemos f abstractos, parecendo-nos justo qu proprietário ou proprietários daqu parcela de terra se sacrificassem prol do burgo natal, cedendo-a p seu justo valor.

Segundo informações, a efectiva de tão magnífica obra estava ape pendente da atitude acima exposta

Dentro do escrupulo que êste p pitante assunto requer, pretendem prender a atenção, bem ponderada. nome ou nomes em cheque, para q ámanhã qualquer dos castanheiren não seja apodado de anti-bairrista.

Há que reconhecer que taman empreendimento não se destina exploração particular. Trata-se de a Beneficência que irá levar muito desafôgo e de confôrto a essa enca tadora Casa da Criança, que bastante reconhecimento e de admiração pe almas nobres, legará a muitas mulh res e homens do futuro.

Sejam entraves..., ou como qu ram classificar tal melindroso aspe da edificação do Hotel de Turis em Castanheira-de-Pêra. Seja, mesm o que fôr..., O que não pode acc tecer é deixar escapar a oportunida de tão rara realização!

Se ainde se está a tempo, pode -se em consequências enigmáticas

Crónica da Aldeia

Aquela Andorinha

Nesta manhã serena de Setembro nostálgico estiveram, muito perto de mim, andorinhas chireantes que se preparavam, em numeroso bando, para a largada de demorada viagem.

Centenas e centenas dessas queridas aves de arribação, tão conhecidas dos beirais da terra portuguesa, empoleiraram-se nos fios condutores de energia eléctrica, entoando um hino magistral de despedida ao Sol lusitano.

E eu, reduzido mortal, sem «eira nem beira» fiquei, contemplativo, a olhar para tais preparos de abalada, a pensar que as andorinhas, naquela hora matutina, transmitiam ao Mundo a sua nova caminhada entre o Céu e o Mar. Fixei as pupilas, humedecidas por desenganos, nas suas asas frágeis e apeteceu-me viajar com elas — subir muito alto... acima dos vales e da penumbra; atravessar as névoas cristalizadas; mirar serras e montanhas; *atingir* o Infinito — para me desligar da terra que alimenta podridão e sofrimento.

Voaram penas... ruflaram asas... em circuítos fantásticos... em reboada vibrante, para desaparecerem, as saudosas andorinhas, nos confins do Norte que dealbára entre bambinelas de platina e oiro.

Mas... uma Andorinha ficou, entregue à dôr, a contar-me a sua história:

... «Não parto. Fico no meu ninho suspenso do beiral mais triste, a carpir um luto!

Quando num ano que não vai distante, abandonei, ardendo de saudades esta pátria linda, levava comigo salutares esperanças. Viajei no tôpo dos mastros dos navios embaladores. Procurei atingir o Céu de divino manto. Subi... Subimos — eu e meu amantíssimo noivo. Muito acima das nuvens, quase a atingirmos as constelações, julgavamo-nos nos domínios da Liberdade!

Houve luta feroz, medonha, horripilante, nessas altitudes incalculáveis! Voamos... Voamos... Mas, nem todas as asas são possantes! Os monstros eram poderosos. Roncavam. Ardiam de raivas e de ódios. Eu, cansei, amedrontada por tanta maldade! Meu amado noivo alargou muito mais as suas asas velozes. Arrebatou-me, levando-me sôbre o dorso macio e nervoso de amante que zela.

Heróico esfôrço o do meu amado!

Quando a tormenta feria longe, um corpo de penas brancas, vencido pela fadiga, desaparecia por entre as nuvens cinzentas de um Firmamento de fogo!

Eis a minha história, amigo! A dolorosa odisseia de uma Andorinha viúva!»

Em todas as madrugadas, a Andorinha entôa, no meu beiral da serra, a dolente «Canção da Viuvês».

Eu, ao nascer do Sol, perscruto, duvidoso, o Infinito...

SERRANO

Atenção ao Coentral!

Centro União Coentralense

Passou mais um aniversário — o 34.º — da fundação do Centro de Instrução e Recreio União Coentralense, de nobre e belas tradições.

Para comemorar êsse dia, aliás de festa para todo o povo coentralense, reuniu-se em almôço de confraternização um número apreciável de sócios, que não quizeram deixar no olvido o dia que passava e entenderam festejá-lo condignamente.

Logo ao alvorecer foi dada a tradicional alvorada de 21 tiros de morteiro e hasteado na sede o estandarte da colectividade, que, tremulando ao vento, constituía sinal anunciador de festa.

Durante o dia foi queimada grande quantidade de foguetes e morteiros, não faltando os conhecidos «cabeças de chibo» com o seu estampido ensurdecedor que, assim, atestavam vigorosamente o entusiásmo dominante.

O repasto teve lugar pelas 17 horas, em aprazível local, decorrendo animadamente, tendo usado da palavra o sr. Francisco Simões Claro, secretário da Direcção, que pôs em destaque o valor, fôrça de vontade e excepcional bairrismo dos sócios fundadores do Centro, falecidos, que a nada se pouparam para levar a bom têrmo a obra do seu ideal, aos quais rendeu as suas homenagens póstumas; e os seus louvores aos que, felizmente, ainda se encontram vivos, sendo em tudo calorosamente apoiado pela assistência.

A' noite houve movimentado baile na sede, que decorreu num ambiente de franca alegria e se prolongou até altas horas da madrugada.

ILUMINAÇÃO PÚBLICA

A proceder à ampliação da rêde de iluminação, que assim se torna extensiva ao vizinho lugar do Coentral da Cruz, andam nesta localidade o electricista da Câmara Municipal, coadjuvado por alguns operários, cujos trabalhos se encontram quase concluídos.

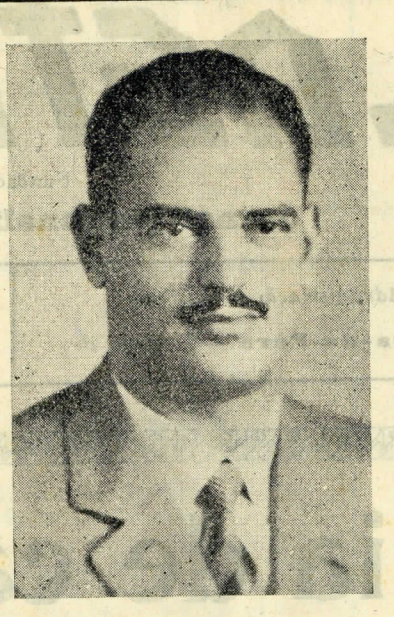
Foram feitas várias instalações particulares no referido lugar e na sede desta freguesia e colocadas algumas lâmpadas de iluminação pública em diversos locais de maior movimento, onde a sua falta bastante se fazia sentir.

Entre as lâmpadas ora colocadas figuram duas, uma em cada extremidade da rua que, partindo do Largo da Eira, vai ligar à Rua da Praça, em cuja artéria se acha instalada a cabine telefónica, as quais bastante vêm beneficiar aquela rua de regular movimento, que, à noite, ficava mergulhado em medonha escuridão, com graves inconvenientes para todos mas especialmente para quem necessita servir-se do telefone durante a noite.

* * * Depois de colocadas as

(Segue na coluna lateral)

Salvé, 27-9-947



Um grupo de castanheirenses, intimos amigos do sr. António de Barros, expressa-lhe afectuosos parabéns, pelo seu aniversário natalício a transcorrer no dia 27 do corrente mês, desejando-lhe muitas felicidades, junto de seus ex.mos pais.

*

«O Castanheirense», associando-se a tal manifestação de simpatia, abraça aquele seu grande amigo e cumprimenta a digna Família Barros.

Flávio Ferreira

Regressou, há dias, da Capital êste nosso particular amigo e distinto funcionario público que, como noticiamos, ali foi para prestar provas no concurso de 2.ª classe dos Serviços Externos do Ministério do Interior.

E' com manifesta satisfação que apresentamos o nosso cordial parabém pelo excelente resultado obtido pelo sr. Flávio Ferreira, distinto chefe da Secretaria da nossa Câmara, augurando-lhe uma brilhante carreira.

Manifestos estatisticos de colheitas

Termina no dia 30 do corrente mês o manifesto estatisticos da colheita de trigo, centeio, aveia, cevada, fava, grão de bico e batata de sequeiro.

Este manifesto — instituído pelo decreto 26 408 de 9 de Março de 1936 — destina-se exclusivamente a fins estatísticos e sobre ele impende o segredo profissional, não podendo servir para quaisquer outros fins: estabelecimentos de contribuições, requisições de géneros, condicionamento de vendas, etc.. Não deve pois ser confundido com outras declarações que aos produtores são exigidas com qualquer destes fins, nomeadamente como o manifesto do centeio que o decreto n.º 36.355 de 16 de Julho último, que autorizou as suas transacções em mercado livre, extinguiu.

Os impressos próprios para o efeito devem ser procurados, preenchidos e entregues nas regedorias das freguesias onde tenham sido colhidos os produtos acima citados; quem tiver colhido em mais duma freguesia, deverá manifestar separadamente o que colheu em cada uma delas. Prevê a legislação em vigor multas que vão de 10$00 a 2.000$00 para quem assim não proceder ou fizer declarações falsas.

Aos regedores incumbe a distribuição dos impressos para o manifesto, cujo custo é de $30, pelos interessados que os procurarem nas respectivas regedorias, a recôlha e envio às Câmaras Municipais dos manifestos feitos, a necessária propaganda para o efeito e a participação do Instituto Nacional de Estatísticas das transgressões estatísticas — falta ao manifesto ou falsa declaração — de que tiverem conhecimento. Nos autos levantados por sua participação cabe-lhes, por lei, 25 % das multas aplicadas.

A IMPRENSA

EM FACE DO C E INDÚSTRIA

O espírito rotineiro da nos tentativas que a Luz do Progresso dá ainda que farte para nós e para

Deste mal de nascença, her percevejos, ressente-se a Imprensa Comércio e a Indústria locais se fecunda vantagem dos Jonais, para os proventos necessários a uma vid dência absoluta, indispensável à s sionista e à benemérita missão ec gentes.

O Comércio e a Indústria lo retrógrados lhe não empanassem missão que lhes cumpre e que de vista larga do moderno Hom m d promoveriam êles próprios a larga como elemento quase básico do en teresses comuns.

O Comércio e a Indústria damente, quanto devem à sua In cento, chegam a encarar com ar agente publicitário, que, em centro noção prática, são acolhidos como fecundante — agenciadores da sua

Que o Homem de Negócios tico e de vista larga; mas que o se e já a Imprensa Regionalista po desafôgo, promover com redobrad dos interesses da economia region interesses vitais do Comércio e da

E não é favor que o Comér quem, como a Imprensa Regional damente ao bem comum.

Lu

Casa da Criança

Como nova Assistente Social da Casa da Criança Rainha D. Leonor, encontra-se no desempenho de tão simpático cargo a ex.ma senhora D. Maria da Conceição Pires da Rocha, a quem «O Castanheirense» cumprimenta, muito respeitosamente.

EM PEDRÓGÃO GRANDE

A favor do HOSPITAL

Comissão composta de pessoas que sabem medir as necessidades da Santa Casa da Misericórdia do concelho de Pedrógão Grande, promove, nos dias 27 e 28 do mês corrente, interessantes diver timentos, que serão motivo de agradável passatempo.

Ao lado estampamos um aspecto do Largo da Devesa, onde se realizam os festejos.

REGIONAL

OMÉRCIO

LOCAIS

a santa terra, apezar das
em feito para nos alumiar,
ar de presente aos outros.
litário, pertinaz como os
Regional. Bastaria que o
apercebessem da grande e
que a êstes não faltassem
desafogada, de indepen-
prestimosa tarefa expan-
ativa e moralizadora das

is, se um rotineirismo de
s asas nos vôos altos da
a do espírito prático e da
Negócios, estimulariam,
pansão da Imprensa local,
ndecimento dos seus in-

s desconhecem, desgraça-
ensa. Rotineiros 100 por
e desconfiança lôbrega o
prósperos e de proverbial
enciadores da publicidade
ópria prosperidade.
o seja 100 por cento prá-
ao menos 50 por cento —
em situação de perfeito
êxito, o desenvolvimento
que o mesmo é dizer: dos
dústria de cada Região.
e a Indústria fazem a
, se dedica desinteressa-

Barradas (Almedina)

NOTAS Bibliográficas

«Amor Diferente». Romance da algarvia Maria Isabel Xavier de Fogaça

Mais um belo romance, o n.º 8, acaba de ser lançado e, desta forma, enriquecida a «Biblioteca Feminina» — constituindo, também, cada um deles, entretenimento e enlêvo de muitos homens.

Não vos contaremos a história, que achamos lindíssima e tanta é a certeza do editor no êxito da obra, que a TROCARA' POR QUALQUER OUTRA, desde que informem não ter agradado.

Esta inovação no RAMO EDITORIAL PORTUGUEZ é prova da certeza do agrado unânime e garantia segura de que não comprarão «gato por lebre».

Recomendámo-lo, pois, às Meninas de gôsto requintado, assim como às que ainda não leram as obras da mesma escritora, «Manuela» (restos da 5.ª edição) e «Toupeiras Humanas» (2.ª edição), êxitos indiscutíveis, a que serão oferecidas iguais possibilidades de troca.

E' uma edição da Bolsa Cultural.

Y

«O Castanheirense» referir-se-á, nesta secção, a todas as obras de carácter literário, científico ou artístico das quais lhe forem enviados os exemplares da praxe.

Preço do Pão

esde 1 do corrente mês que vi-
n os seguintes preços do pão:
ipo especial, 5$20 o quilogra-
($40 em fracções de 77 gra-
; tipo único, 3$30 o quilogra-
em fracções de 500 grama-);
le 2.ª, 2$40 o quilograma; fa
do com farinha de rama, 2$80

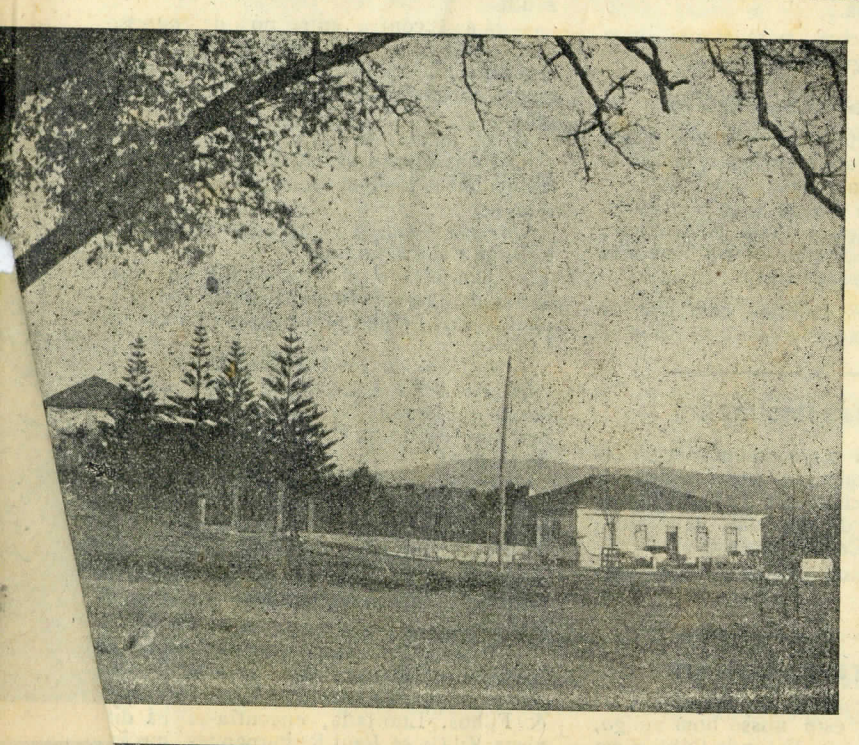
«Concelho de Mação»

eapareceu êste quinzenário na-
lista, defensor dos interesses
ev s de Mação.
esejamos lhe longa vida e pros-
ades.

DESASTRE

Figueiro-dos-Vinhos, 11 — No dia 9 do corrente mês, cêrca das 22 horas, na estrada do Barreiro, à saída desta vila, deu-se um lamentável desastre de que rezultou graves ferimentos ao sr. Albano Coelho David, comerciante, de Altar do Graça, por se ter espantado o cavalo que montava, chocando com uma caminheta de carga.

O sr. Coelho David recebeu os primeiros socorros no banco do nosso hospital, com a assistência do digno clínico, sr. dr. Domingos Duarte. Como o seu estado inspirasse cuidados ficou ali internado. — C.



RESPOSTA AO VERSO

«POR BEM DOS TROVISCALENES»

Quando lemos a carta dum pseudónimo que se intitula «Sou um Troviscalense», publicada numa página dêste jornal, num número anterior, lamentamos bastante o seu acto comentador acêrca de evoluções que, sem hesitação de consciência ou mágoa, fez vibrar tão profundamente o espírito dos seus conterrâneos.

Mais ainda nos chocaram, tais comentários, por serem subscritos por um filho da nossa terra e termos conecimento de que o nosso povo tem sabido aproveitar as poucas ocasiões que se lhe tem deparado, para beneficiar de melhoramentos públicos.

Assim, sem querermos melindrar a consciência do nosso ilustre conterrâneo, desejamos fazer-lhe sentir que, não é com comodismo... palavas e críticas que os feitos se realizm.

Mas, deixemos por agora a sua involuntariedade, porque todos erram e amos trabalhar unanimemente. Só asim, poderemos fazer despertar o nsso querido Troviscal do abandôno a que tem sido posto, encaminhando o para o progresso.

A nossa terra carece, realmente, de quem por ela se interesse e lhe preste auxílio, mas então... A sorte não lhe permitiu ainda, como a tatas outras circunvizinhas, gerar um filho «ausente» que procure por todos os meios ao seu alcance, contribuir para o seu engrandecimento.

De resto, os seus habitantes recebem sempre de bom grado, qualquer melhoramento que de fora venha, enfileirar, com os que com a «prata da casa» se tem feito e se pensam fazer. E, mais ainda: Estão sempre prontos a auxiliar, dentro das suas possibilidades, qualquer iniciativa que para êsse fim se mova, venha ela de onde vier.

Troviscalenses!!! Um assunto urgente tendes que procurar resolver e que o nosso comentador, por esquecimento, deixou de focar. Ide imediatamente junto de quem de direito solicitar para que no próximo ano lectivo não se encontre devoluta a cadeira da nossa escola, ministrando-se a instrução às nossas crianças, que tão necessária é.

Muito interessante seria também que se olhasse um pouco mais pela limpeza das ruas da nossa terra, não se lançando nelas imundícies, provenientes de canos de esgotos, que só servem para atentar contra a saúde pública.

E, para terminar esta nossa alusão, que já vai longa, pedimos muito reconhecidamente ao nosso bom Troviscalense, que quando lhe fôr possível visitar a terra que lhe serviu de berço, se digne consultar as pessoas a que se quiz dirigir no seu escrito, porque nelas encontrará boa-vontade e a coesão que as leva a lamentar o não lhe terem observado, quando há pouco cá residia, o forte bairrismo, que agora pretende apregoar.

Troviscal, 9 de Setembro de 1947.

A. H. A.

Atenção ao CENTRAL

(Continuação)

lâmpadas referidas cuja falta, como acima dizemos, bastante se fazia sentir e pelas quais o povo se mostra muito reconhecido, queremos apontar uma outra lacuna de não menos importância que desejariamos vêr solucionada.

E' o caso do relógio da tôrre que carece também de uma lâmpada que lhe ilumine o respectivo mostrador, tornando assim possível a sua visibilidade durante a noite.

Pintado de novo tem, presentemente, um aspecto bonito pelo brilho das tintas empregadas, aliás de boa qualidade, e em que sabressai também o esmêro do artista, proporcionando uma perfeita localização de números e ponteiros, mesmo a considerável distância.

De noite, porém, dá-se o inevitável. Não obstante a perfeição do trabalho e a despeito da boa qualidade dos materiais empregados, estes não têm o condão de visibilidade na escuridão, e, assim, vêem-se em apuros todos aqueles que em determinado momento de noite necessitam consultar o conta-minutos.

Esta falta faz se sentir principalmente na época que se tem estado a atravessar, devido às regas feitas denoite, em que é indispensável conecer a posição exacta dos ponteiros, pois há pessoas que apenas dispõem de alguns minutos de água e carecem portanto de saber com precisão em que momento a devem cortar.

Em face de tal necessidade aqui deixamos o apêlo, convencidos de que a digna Câmara Municipal não deixará de atender tão justa pretensão.

Alves Barata

De Figueiró-dos-Vinhos

Partiram, para a Figueira-da-Foz, os senhores:

Dr. Joaquim José Fernandes, digno médico municipal; Joaquim de Araújo Lacerda Júnior e Carlos Alberto de Lacerda, acompanhados de suas ex.mas famílias.

Regressaram da mesma praia os srs. Juvenal Augusto Mendes e José Simões Barreiros e suas estimadas famílias.

Da praia da Nazaré também regressou o sr. Joaquim Estevam Rodrigues e digna família.

Para o Gerez, a fazer a sua costumada cura de águas, partiu o nosso amigo sr. Gustavo Coelho Godet, acompanhado de sua ex.ma espôsa.

Para Lisboa o nosso amigo Joaquim Grinaldy Simões, recentemente nomeado funcionário da C. G. D..

Este nosso amigo desempenhava, nesta vila, as funções de proposto do tesoureiro da Fazenda Pública.

Encontra-se no gôzo de merecidas férias o sr. Sebastião da Costa Trancoso, digno chefe da Agência da C. G. D. nesta vila.

Em casa de sua ex.ma família, encontra-se o sr. José Rodrigues Dias, professor primário em Lisboa.

A passar alguns dias na Foz de Alge, encontra-se o sr. José Abreu Nunes, digno funcionário administrativo nesta vila.

Faz-se acompanhar de sua considerada família. — C.

«O Castanheirense» defende a Região. Ajudai-o na sua patriótica jornada!

NÚMERO AVULSO $70 CENTAVOS

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS:	PUBLICA-SE NOS DIAS	ASINATURAS
Quadrimestre 8$40	1, 10 e 20	*Estrangeiro: ano 44$70*
Cobrança pelo correio mais 1$00	DE CADA MÊS	*Império Português: no 37$20*

Aqui, Gestosas

VISITA AO RAMAL

De visita ás obras do ramal estiveram na Gestosa Fundeira, na dia 29 do mês passado os srs Manuel Alves Ceppas, ilustre presidente da Câmara Municipal dêste Concelho, e Pompeu Rodrigues Costa, digníssimo vereador do mesmo Município.

SUBSCRIÇÃO

Continua a ter o melhor acolhimento a Comissão que se propôs angariar donativos para reparação de pontes e caminhos de Gestosa Fundeira.

Segue a lista dos novos subscritores:

Transporte.	1.145$00
Manuel Domingues Alves. . .	10$00
Antônio Mendes.	4 $00
Artur Antão	40$00
Joaquim Antão	50$00
José Maria Alves da Silva . .	10$00
José Antunes de Carvalho . .	15$00
José dos Santos Antunes. . .	40$00
Antônio Antunes.	20$00
Jusebino Simões.	2$50
Alberto Rodrigues Nogueira .	7$50
José Henriques Sapateiro . .	Um dia
Alvaro Antunes	20$00
Maria Rosa da Silva	10$00
Domingos José	10$00
Manuel Carlos Henriques . .	50$00
Manuel Antunes Caetano . .	10$00
Horácio Mendes Fernandes. .	50$00
Antônio Martins	20$00
Artur dos Santos.	20$00
Maria Rosa dos Santos . . .	2$50
Viúva de Abílio H. Antão . .	5$00
Miguel Antunes	5$00
Viúva Maria A. Antunes. . .	10$00
José Augusto Simões	25$00
Manuel Domingues Júnior . .	20$00
Manuel Francisco Alves. . .	10$00
José Antunes	10$00
Avelino Mendes Coutinho . .	20$00
Elvira Simões Coutinho . . .	5$00
Viúva de João Luiz.	5$00
Viúva de José Mendes	2$50
Alvaro Alves Estevão	20$00
Atletico Clube R. Gestosa . .	100$00
A transportar	1.810$00

Que nem um dos habitantes dêste lugar deixe de contribuir para tão louvável fim, são os votos que formulamos.

CARTEIRA:

Em 28 do mês findo embarcou para a A'frica o sr Saúl Coelho. Desejamos-lhe feliz viagem.

= Encontra-se entre nós, acompanhado de sua espôsa e filhos, o estimado assinante dêste jornal, sr. Abel de Carvalho, comerciante na Capital.

= De visita a sua família, em gôso de férias, vimos aqui o sr. Abílio de Jesus, empregado superior nos escritórios de uma importante firma lisboeta, que se faz acompanhar de sua espôsa, sogra e filhinha.

= Estiveram nesta localidade: as senhoras Lucinda da Conceição Rodrigues Martins e filho, espôsa do sr. António Martins; Maria da Conceição Luiz, espôsa do sr. Serafim Rodrigues; o sr. Fernando Fernandes de Carvalho, comerciante em Lisboa, acompanhado de sua espôsa e filho; o sr. Américo Alves Filipe, empregado no comércio e sua espôsa; o sr. Horácio Mendes Fernandes, comerciante, espôsa e filhinho; o sr João Mendes, empregado no comércio; o sr. Américo Vicente Antunes, comerciante; Joaquim Amaro Nogueira, comerciante e espôsa; sr.ª Ilda do Carmo Rosinha, espôsa do sr. Eduardo Rosinha, e o sr. Alberto Domingues, empregado no comércio, sua espôsa e filhinha.

= De visita aos seus encontram-se aqui: o sr. Manuel Magrinho e sua espôsa; o sr. Manuel Antunes Novo, espôsa e sobrinha; o sr. José Coelho das Neves, comerciante, sua espôsa e filhinha; D. Aida Mendes, sua filha a sobrinhas; D. Benilde do Carmo e seus filhos.

= No Soeiro, na sua residência, encontra-se, chegada de Lisboa, a tratar de sua saúde, a senhora D Maria Justina Bernardo, estimada mãe do nosso assinante sr. Manuel Bernardo, comerciante nessa Vila.

= Está na Gestosa Cimeira o sr. José Moreira, comerciante em Lisboa, acompanhado de sua espôsa e filhinha.

— Esteve entre nós, no gôzo de 30 dias de licença que lhe foi conferida por exemplar comportamento pelo Regimento de Engenharia 2, aquartelado em Tancos, onde presentemente presta serviço militar, o sr. António Henriques Bernardo, filho do nosso assinante sr. Manuel Bernardo, comerciante. — X

SEGUROS, nas melhores Companhias
Agente. José Coelho Júnior
Castanheira-de-Pêra

Comentário

Pedrógão Grande, filantropo

O QUE mais evidencia um povo são as titudes nobres, dimanadas de corações bem formados, que não esquece a humanidade que sofre.

Pedrógão Grande, remota Vila mais do que seiscentista, não cuida apenas do seu arranjo, em notável desenvolvimento, mercê do valor de seus afeiçoados filhos, também dispensa grande quinhão do seu carinho às casas de Beneficência mais desamparadas. Num gesto a todos os modos simpático, sabendo das precárias circunstâncias que afligem o Hospital da Santa Casa da Misericórdia local, fêz nomear uma Comissão que, sem detenças, trabalha na organização de festa com atractivos interessantes, que terá como *tablado* o vasto e pitoresco Largo da Devesa.

Do programa, que nos aparece, convidativo, a anunciar que nos dias 27 e 28 dêste Setembro morno e iluminado haverá diversões de tentar, salientamos um BAZAR, deliciosamente sortido, a oferecer prémios de valia, seguido de acolhedor BAR com serviço esmerado, tendo perto DANCING, onde se bailará, durante tôda a noite de domingo, até madrugada de segunda, ao compasso alegre de excelente orquestra. A animar êste quadro digno os centros cosmopolitas a magnífica FILARMÓNICA PEDROGUENSE executará filhantíssimo concêrto. Depois... a magia sem par, de supremo encantamento dêsse maravilhoso FOGO DE ARTIFICIO, prêso e do ar!

A infiltrar personalidade, distinção, a momentos de comunicativa satisfação, espera-se, naquela localidade, a visita de Sua Excelência, o sr. Ministro das Obras Públicas, que será alvo de entusiástica recepção.

E assim, a hostaleira, a filantrópica terra dos confins da Extremadura, figura de espelho para quantas queiram usar da sua iniciativa e da sua Caridade...

A queda de Molière

(Continuado da 1.ª página)

todo o tempo tomado desde as primeiras horas da manhã, até bastante tarde durante a noite; os pouquíssimos que restavam, ou pediam preços astronómicos, ou não serviam... Volvidos quatro anos aproximadamente sôbre êsses dias, a dificuldade em obter-se quem ensine inglês particular e capazmente decuplicou, ao mesmo tempo que a difusão da língua inglesa se alarga a olhos vistos, estendendo-se aos intelectuais do simples comércio!

Actualmente não é difícil encontrar em qualquer parte de Portugal quem saiba inglês, ainda mesmo que seja pouco.

Molière morreu aos poucos, não como em 17 de Fevereiro de 1673 durante a representação da sua peça largamente conhecida «Le malade imaginaire», mas simbòlicamente, derrotado literalmente pela imposição lógica duma língua mais prática e afinal de contas mais acessível para a Humanidade, que é o idioma inglês!

Molière foi derrubado do seu pedestal de marfim, calcado pelos pés de Shakespeare; Molière foi derrotado como uma velharia!

Aníbal Anjos

LAPSOS

Josè das Neves

Numa das páginas que dedicamos a Sarzedas de S. Pedro, no anúncio do nosso prezado assinante sr. José das Neves, bemquisto proprietário, saiu, por equivoco, a sua residência naquele lugar, quando é nas Sarzedas do Vasco.

Que o sr. José das Neves nos perdôe a falta involuntária.

José Coelho Henriques

Também foi alvejado pelo maldito lapso, no mesmo número dêste jornal, o igualmente nosso estimado assinante sr. José Coelho Henriques, que foi por nós *crismado* de «João». A sua reconhecida benevolência já nos perdoou, o que não impede de lhe pedirmos muita desculpa.

Abertura da CAÇA

Foi determinado, de harmonia com o decreto n.º 35808, de 15 de Ago to de 1946, que a abertura da caça seja fixada para o dia 1 do próximo mês de Outubro, iniciando se a venda de perdizes, a partir de 15 do mesmo mês.

FALECIMENTOS

Menino Jorge Barata

Em Lisboa, na residência de seus pais s. José Diamantino Barata e sua espôsa, faleceu, no dia 3 do corrente, o menino Jorge Henriques Barata.

O funeral, bastante concorrido, efectuou-se no dia imediato

A' família enlutada e, muito em especial, o nosso amigo e assinante sr. José Diamantino Barata, apresentamos sentidos pêsames.

Maria Guilhermina

No lugar do Ameal, sucumbiu, na sua residência, a senhora Maria Guilhermina.

A extinta, que contava 66 anos de idade, era mãe da senhora Maria da Encarnação e do nosso assinante sr. José Lourenço, comerciante nesta Vila.

O prestito fúnebre, para o cemiterio municipal, teve larga concorrência.

Sebastião Henriques

Com 81 anos de idade finou-se nesta vila o sr. Sebastião Henriques, deixando viúva Maria da Conceição.

O extinto era pai dos srs. João Henriques, Domingos Henriques, António Henriques e de Clotilde da Conceição, Maria Soledade Enrique e Salete Henriques,

Apresentamos às famílias enlutadas as nossos condolências.

*

Novo estabelecimento

O nosso amigo sr. Joaquim Margarido Cório Costa, acaba de abrir na rua dr. Eduardo Correia, em frente à escola primária uma garagem de bicicletas, denominada «Velocipédica Castanheirense».

Desejamos ao novo estabelecimento muitas prosperidades.

*

VICENTE R. LOPES

Tem estado em Pêra, em companhia de sua ex.ma família, êste nosso bom amigo, distinto tesoureiro da Fazenda Pública em Torres Vedras. Agradecemos a amabilidade da sua visita.

ECOS DA SOCIEDADE

JOSÈ C. DE CARVALHO

Regressou de Lisboa, acompanhado de sua ex.ma família, o nosso distinto amigo e acreditado industrial de lanifícios desta Vila, sr. Jose Correia de Carvalho.

AURÉLIO TOMAZ

Deu-nos a honra de nos cumprimentar este nosso conterrâneo, considerado comerciante na praça de Lisboa e sócio da firma local, Tomaz Costa & Irmão, L.da.

Agradecemos a atenção dispensada.

SÁ SIMÕES ALMEIDA

Veio a esta redacção, apresentar as suas despedidas, êste nosso dedicado amigo, digno chefe da Secção de Finanças de Vila Flor, que para ali partiu acompanhado de sua ex.ma espôsa.

Partidas e chegadas:

Para Lisboa seguiu o nosso amigo sr. Fernando Coutinho, depois de estada nesta Vila, junto de seus pais e irmãos.

= Já se encontra entre nós o nosso dedicado assinante sr. Sertório Santos Fonseca, digno chefe de Secretaria do S. N. P. I. L. do Distrito de Leiria, que no Barreiro esteve na companhia de sua família.

= Em casa de seus pais, nesta Vila, esteve o nosso prezado conterrâneo, sr. Joaquim Tomaz, proprietário da «Marisqueira», em Lisboa, que se faz acompanhar de sua espôsa.

Obrigados pela sua visita.

—Deslocou-se a Coimbra o nosso dedicado assinante sr. Albano Simões Carril, a-fim de internar numa casa de saúde sua espôsa, senhora D. Hortelina Henriques Carril

— Tem estado no lugar do Troviscal, acompanhado de sua espôsa, o nosso dedicado assinante sr. Avelino Ventura, comerciante no Cartaxo.

— Também naquele lugar esteve de visita a sua família o nosso amigo sr. Manuel Francisco dos Santos, acompanhado de sua espôsa e filhos.

— Deu-nos a honra dos seus cumprimentos o nosso dedicado assinante, sr. Marcolino F. David Tomaz, guarda-livros das Fábricas Barros, Limitada, de Alenquer.

— Esteve nesta Vila o nosso conterrâneo e amigo sr. José Mendes, sócio-gerente da firma, Lanifícios de Lisboa, Limitada.

— Em viagem de negócios encontram-se ausentes os nossos amigos srs. Emídio Coelho Antunes e Artur Coelho Antunes, sócios da importante firma local, Fernandes Antunes & C.ª, L.da.

— Na nossa redacção cumprimentamos o nosso amigo sr. Alfredo Alves Tomaz, viajante da Emprêsa de Sacos de Papel, L.da, de Lisboa.

— De viagem de negócios regressou o nosso amigo sr. Aurelio Henriques Lopes, industrial, no lugar do Troviscal.

— De férias regressou o nosso amigo sr. David C. Nunes, digno funcionário público na Secção de Finanças dêste Concelho.

— Para Lisboa, onde se encontra estabelecido, seguiu o nosso amigo e assinante, sr. Jorge Alves, acompanhado de sua família.

— Há dias que se encontra em Coimbra, acompanhado de sua ex.ma espôsa, senhora D. Josefa Henriques Carreira dos Santos, o nosso amigo sr. Albano H dos Santos, que em visita a sua mana senhora D. Hortelina Henriques Carril, dedicada espôsa do nosso assinante, sr. Albano Simões Carril, que naquela cidade está internada numa casa de saúde.

— Já se encontra entre nós, de regresso de Coimbra, o sr Leopoldino Correia, que conforme noticiamos ali foi operado ao estomago, encontrando-se em via de convalescença.

— No lugar de Fontão encontra-se o o nosso assinante sr. Manuel Fernandes, residente em Lisboa, acompanhado de sua família.

Este nosso amigo veio cumprimentar-nos e pagar a sua assinatura.

— Tem estado no lugar de Pêra o nosso estimado colaborador e assinante, sr. Manuel Nunes, digno funcionário público em Lisboa.

—No lugar da Gestosa tem estado, acompanhado de sua espôsa e filhos, o nosso amigo e assinante sr. Jaime Vicente Antunes, empregado na firma H. Vaultier & C.ª, de Lisboa.

— Regressou à Capital, depois de ter permanecido alguns dias nesta Vila, o nosso particular amigo sr. José Domingues.

— Encontra-se na Sapateira, com sua família, o nosso assinante, sr. João Rosa Conceição, que nesta redacção nos cumprimentou.

— A proceder à montagem de motores na importante Fábrica de Lanifícios, do centro industrial, Manuel Lopes Henriques & Filhos, Limitada, encontra-se hospedado nesta Vila o sr. Raúl R. Fernandes, distinto electricista, hábil empregado da firma especializada da Capital.